

**O IMPÉRIO TIWANAKU:
A HERANÇA CULTURAL DO ALTIPLANO BOLIVIANO
“LIDO” ATRAVÉS DA ICONOGRAFIA¹⁵⁷**

Ana Lúcia Lima da Costa Schmidt (UENF)
dr.analucialima@gmail.com

RESUMO

Este trabalho de pesquisa de caráter bibliográfico procura apresentar a grandiosidade do império pré-colombiano de Tiwanaku e sua importância como um dos maiores impérios da América do Sul e herança cultural, deixada por eles seja na arquitetura, escultura e nas bases da cultura do altiplano boliviano. A importância da pesquisa está calcada na falta de informação e material sobre o assunto nos livros e manuais de história e ela pretende lançar um pouco mais de informação sobre o tema, valendo-se principalmente dos teóricos e cronistas Medina (2015), Hemzler & Cambeses (2017), porque através de suas pesquisas pode-se conhecer o pensamento dos primeiros pesquisadores sobre Tiwanaku como Posnansky (1945), por exemplo, bem como realizada a partir de material obtido em duas visitas às ruínas da cidade sagrada, na Bolívia, nos anos de 2014 e 2020. Para além de uma pesquisa histórica a que se agregar a este trabalho a possibilidade de se “ler” a cultura ágrafa tiwanakota a partir da iconologia, segundo Torres (2001) dividida na descrição pré-iconográfica, a análise iconográfica e a interpretação iconológica.

Palavras-chave:

Tiwanaku. interpretação iconológica. Linguagem iconográfica.

ABSTRACT

This bibliographical research work seeks to present the grandeur of the pre-Columbian Tiwanaku empire and its importance as one of South America's greatest empires and cultural heritage, left by them is in the architecture, sculpture and in the bases of the culture of the Bolivian altiplano. The importance of research is based on the lack of information and material on the subject in history books and manuals and she intends to release a little more information on the topic, making use of mainly of theorists and chroniclers Medina (2015), Hemzler & Cambeses (2017), because through their research it is possible to know the thought of early Tiwanaku researchers such as Posnansky (1945), for example, as well as carried out from material obtained in two visits to the ruins of the sacred city, in Bolivia, in the years 2014 and 2020. In addition to historical research to add to this work the possibility of “reading” the unwritten culture of tiwanakota from iconology, according to Torres (2001), divided into pre-iconographic description, iconographic analysis and iconological interpretation.

Keywords:

Tiwanaku. Iconological interpretation. Iconographic language

¹⁵⁷ Parte desse texto foi publicado na Revista Transformar 2021.

1. Introdução

A mais de 3.800 metros acima do nível do mar, no altiplano boliviano, bem perto do Lago Titicaca estão as ruínas de um dos maiores impérios da América pré-colombiana. Essa civilização começou centenas de anos antes da ascensão do império Inca e nunca mereceu espaço suficiente nos estudos das civilizações americanas mesmo representando uma população estimada de mais de cem mil habitantes, os quais venceram as rigorosas condições climáticas dos Andes desenvolvendo técnicas agrícolas, bem como engendrando construções com riqueza de detalhes. A cultura chamada de tiwanaku teve seu apogeu de 500 a 950 d. C. e ocupava o território que hoje é a Bolívia, o norte do Chile e o sul do Peru. As ruínas de Tiwanaku, que se localizam na Bolívia, a cerca de 80 km da capital La Paz é, sem dúvidas, um dos maiores legados arqueológicos. Hoje conhecemos 125 sítios pertencentes à sua cultura, 87 dos quais da época imperial.

Essa pesquisa se justifica pela necessidade de se lançar um pouco mais de luz sobre esses estudos, uma vez que pouco se sabe sobre o assunto, mesmo nas aulas e livros de História.

A partir da escolha do tema delimitamos a pesquisa a partir do que chamamos de dimensões da cultura tiwanakota: de que modo se deu a construção do império de Tiwanaku e qual a herança cultural e espiritual que se pode verificar nas escavações da cidade sagrada?

Desse modo nosso primeiro objetivo buscará demonstrar a grandiosidade da sociedade de tiwanaku a partir de seu poderio territorial, nosso segundo objetivo procurará fazer uma demonstração do conhecimento demonstrado pela civilização na construção de toda a estrutura arquitetônica e artística do império deixando um legado cultural que pode ser “lido” através de uma minuciosa análise iconográfica.

2. A sociedade de tiwanaku: uma demonstração de poder nos Andes

O domínio da cultura tiwanaku ocupava um território de aproximadamente 600.000 km² numa região que compreende, hoje, o norte da Argentina até as costas do Oceano Pacífico no Chile e Peru, as terras tropicais ao norte do Peru e na Bolívia, até o Leste, onde hoje está a cidade de Santa Cruz de La Sierra, numa localidade conhecida como Samaipata. Foi uma das maiores cidades da América pré-colombiana e se caracterizou por edificar construções monumentais. Os construtores descobriram

técnicas que os possibilitaram deslocar enormes blocos de rocha por mais de 30 km e em alguns casos até mais de 100 km.

De acordo com Carmelo Corzón Medina (2015), um cronista de tiwanaku,

[...] el Estado de Tiwanaku ha gobernado la mayor parte de los territorios de Los Andes de América del Sur, por más de mil años. Sólo en estos largos años se pudo haber construido la magnífica obra de ingeniería que son los caminos conocidos como del Inca. Los incas gobernaron cerca de cien años, y se considera que fue poco tiempo para haber logrado construir 23 mil kilómetros de caminos. Los incas repararon, conservaron y continuaron con la construcción de nuevos caminos sobre los ya existentes, que fueron herencia de culturas previas. (MEDINA, 2015, p. 6)

Toda essa perícia é aliada a enigmáticas relações das construções com as constelações astronômicas demonstrando um alto grau de conhecimento.

Figura 1: Mapa de domínio da cultura tiwanaku.



Fonte: Ficheiro: Huari-with-tiahuanaco.png.

O primeiro europeu a fazer um registro da existência do sítio arqueológico de tiwanaku foi o espanhol Pedro Cieza de León, em 1549. A maior parte dos estudos já realizados sobre tiwanaku compreende os períodos IV e V, que corresponde aos anos de 374 a 1200 d.C. A mais antiga data do sítio revelada pelo carbono 14, é aproximadamente, o ano de 1500 a.C.

O arqueólogo Ponce Sanginés (1978) estabeleceu três períodos para o estudo dessa cultura: o ALDEÃO, o URBANO e o IMPERIAL. De acordo com o arqueólogo, citado por Medina (2015).

El pionero de la arqueología científica de Tiwanaku, Dr. Carlos Ponce Sanginés, dijo lo siguiente sobre la periodificación: “la cultura de Tiwanaku se desarrolló en tres ciclos de desarrollo. El primero cuando era un simple caserío de tipo autosubsistencial aldeano (época I). A continuación viene una fase de transición o de prolegómenos de la formación del estado

(época II). El segundo ciclo se caracteriza por la aparición del estado bien institucionalizado en que es limitado en sus dimensiones o sea local (época III) y con posterioridad alcanza amplitud regional (época IV). El tercer ciclo es el imperial, en que la expansión de seiscientos mil kilómetros cuadrados. (SANGINÉS, 1978 *apud* MEDINA, 2015, p. 21)

O arqueólogo Javier F. Escalante (1994) também dividiu os períodos em três épocas: Tiwanaku Aldeano – épocas I e II Tiwanaku Urbano Clássico – épocas III e IV e Tiwanaku Expansivo Imperial – época V.

Figura 2: Placa na entrada do parque arqueológico em Tiwanaku, Bolívia.

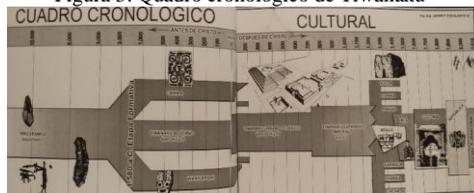


Fonte: Acervo fotos Ana Lúcia Schmidt (2014).

A placa acima, na foto que está na entrada de Tiwanaku, mostra uma diferença entre essas divisões. Esse fato demonstra a necessidade de aprofundamento nos estudos e ainda mais pesquisa acerca dos achados arqueológicos para que se tenha um discurso uniforme quando se fala na cidade sagrada de Tiwanaku. Essas discrepâncias acontecem porque ainda se fazem escavações no local, novas datações são feitas, o que acaba alterando discursos e teorias anteriores.

Em nossa pesquisa, optei por utilizar o quadro cronológico de Javier F. Escalante M. registrado no livro de Medina (2015).

Figura 3: Quadro cronológico de Tiwanaku



Fonte: Medina (2015, p. 4 e5)

No Período Aldeano, que compreende os anos de 1.580 a.C. a 130 d.C., além de Tiwanaku outras duas culturas também coexisti-

ram no altiplano boliviano: a cultura chiripa, também próxima ao lago Titikaka e a cultura wankarani, perto do lago Poopó. Cerca de 150 anos antes do início dos tempos de Cristo, tiwanaku vai conhecer um maior desenvolvimento.

Bem no início do Período Urbano Clássico, que compreende os anos de 130 d.C. a 700 d.C., tiwanaku se apodera dos territórios ocupados pelas culturas chiripa e wankarani anteriormente passando a ser um estado regional e expansivo. Neste tempo, os campesinos desenvolveram técnicas agrícolas e hidráulicas que permitiram criar plataformas elevadas de cultivo intercaladas por canais que preveniam problemas de falta de água com um sofisticado sistema de drenagem e, ainda, prevenção de inundações chamados de “montes de cultivo” (*sukakollu*) para o plantio cercados de água absorvidas das chuvas que garantiam a umidade necessária para o desenvolvimento agrícola.

De acordo com Medina (2015)

Los tiwanakotas contaban con inteligentes ingenieros hidráulicos que traían agua para regar, mediante canales, desde alturas y distancias muy alejadas. Nada era suficiente, también los suelos pantanosos deberían servir para sembrar, por lo tanto, construyeron camellones o *sukakollus* que les dieron cosechas abundantes. (MEDINA, 2015, p.73)

Esses canais também eram usados para a criação de peixes e até a lama produzida era aproveitada como fertilizante. Esse sistema *sukakollu* produziu colheitas intensas. Ainda hoje é possível observar os resquícios dos “montes de cultivo” (*sukakollu*)

Figura 4 e 5: Sistema “sukakollu” (montes de cultivo).



Fonte: Acervo pessoal Ana Lúcia Schmidt (2014 e 2020).

A cidade de Tiwanaku contava também com uma série de aquedutos superficiais e subterrâneos tanto para captação de água das chuvas, bem como para a drenagem.

Figura 6: aquedutos para captação das águas das chuvas.



Fonte: Acervo pessoal Ana Lúcia Lima (2014).

A privilegiada localização da cidade de Tiwanaku, entre o lago Titicaca - que é a região mais fértil – e o altiplano seco, garantia o fornecimento de peixes, aves e pastagens para as lhamas. Ao se estudar a flora da região mais detidamente pode-se determinar que a cultura avançada de tiwanaku utilizou uma espécie de análise genética na domesticação das variedades agrícolas da região, trabalhando em sistemas de conservação de alimentos que possibilitavam desidratar produtos para serem utilizados em épocas mais difíceis.

Neste tempo, também surgiram as divisões em classes sociais entre políticas, religiosas e militares. Templos impressionantes foram construídos criando um espaço para o sagrado.

Figura 7: foto montada a partir do painel do Museu Tiwanaku de como seria a cidade em seu apogeu.



Fonte: Acervo pessoal Ana Lúcia Schmidt (2020).

O estilo de cerâmica específico da cultura Tiwanaku foi encontrado numa vasta área que cobre a moderna Bolívia, Peru, o norte do Chile e a Argentina e hoje faz parte do acervo do Museu que fica ao lado da cidade sagrada.

No Período Imperial Expansivo, que teve início em 700 d.C. e foi até pouco mais de 1200 d.C., Tiwanaku deixa de ser um estado local e regional para impor a sua religião, exportar a sua tecnologia aos territórios periféricos abrangendo o norte do que hoje é o Chile e a Argentina, bem como o sul do Peru, incluindo Nazca e desse modo se converte em um Estado Imperial.

Em 900 d.C. Tiwanaku perde o domínio do território do norte, mas se mantém a capital do Império no altiplano boliviano, onde hoje estão as ruínas, até o ano de 1.172 d.C. quando o império entrou em decadência em decorrência de um período seguido de muitas secas, o que impossibilitou a sobrevivência no território.

Após esse período da queda de poder em Tiwanaku, segue-se um período de anarquia com a profusão de senhorios, representantes de pequenas culturas, que conviveram até a chegada dos Incas, por volta de 1.350 d.C. que durou até a chegada dos espanhóis, em 1.532 d.C.

Pode-se observar que na construção de Tiwanaku estavam presentes construtores, engenheiros e conhecedores da geologia do lugar, além de artistas capazes de esculpir com maestria em grandes blocos líticos, símbolos e ícones que constituem, hoje, testemunhas do grande esplendor de Tiwanaku.

3. A iconografia “lê” a herança cultural, arquitetônica e artística dos tiwanakotas

A cultura tiwanaku foi precursora das grandes construções megalíticas da América do Sul, nos legando peças entalhadas em pedras que podem pesar até cem toneladas e muitas vezes se encaixando umas às outras com tal precisão que parecem cortadas por instrumentos e tecnologias atuais.

É possível verificar no sítio arqueológico de Tiwanaku algumas preciosidades que passaremos a descrever e a interpretar sua importância a partir da iconografia. De acordo com TORRES (2001), o sistema iconográfico de Tiwanaku é possível ser “lido” em quatro níveis: os sinais primários, as aglomerações de signos, as unidades temáticas e as narrativas temáticas.

Os sinais primários descritos por Torres (2001) são a parte irreduzível da representação a arte impressa na pedra. São signos primários que interagem uns com os outros e podem se apresentar como linhas geométricas ou representações de seres biomórficos, figuras em zigue-zague, limites para figuras, como vistos abaixo:

comportamento de um povo que se acredita não dominador de um alfabeto, mas que se valeu de outras formas de “escrita” que permite que sejam “lidos”, interpretados e reconhecidos em todo o seu poderio e plenitude. Pode-se dizer que é um sistema de escrita em nível simbólico, ideográfico.

De posse desse entendimento, passaremos a observar as contribuições dessa colossal civilização que vai desde as construções de pirâmides, templos, sistema de avaliação astronômica e monolitos que representam suas crenças.

3.1. A Pirâmide de Akapana

É uma das maiores construções de Tiwanaku. Suas dimensões são de 194,14 m de comprimento e 182,4 m de largura e 18 m de altura, numa área total de 26.436,56km². É composta por sete níveis ou ainda conhecidas como plataformas contidas por muros de arenito trabalhado. Existe uma diferença na construção dos muros o que pode indicar que é uma obra realizada em várias gerações.

Figuras 10 e 11: A pirâmide de Akapana



Fonte: acervo pessoal Ana Lúcia Schmidt (2020)

Seu nome é oriundo, segundo Posnansky (1945) das palavras “Akakjahuana” que significa “este é o local donde se vigia” ou ainda das palavras “HakeApana” significando “Local onde a gente perece”.

O acesso ao topo deveria ser feito através de escalinatas, pois indícios de uma podem ser observados no setor oeste. Nesse local foi encontrada uma peça de basalto negro do “homem puma” denominado “Chachapuma”.

Na parte superior da pirâmide vestígios do que os arqueólogos acreditam ser uma edificação religiosa ou um templo. Outra observação que se pode fazer do alto da pirâmide seria um templo semissubterrâneo em forma de cruz andina escalonada. Os resquícios achados explicam um complexo sistema de drenagem com silhares lavrados de arenisca verme-

lha reforçadas com ganchos de cobre.

3.2. O Templo de Kalasasaya

O templo tem a forma retangular e mede 126,66 m. por 119,06 m. com altura média de 4,2 m. com área de 15.935 km². Possivelmente foi construído para eventos de caráter astronômico. Seu nome deriva de uma palavra aimará que significa “pedras paradas”.

As primeiras pesquisas oficiais realizadas no templo foram da missão científica francesa do Conde Créqui de Monfort, citado por Medina (2015).

Figura 12: Entrada principal do templo.



Fonte: Arquivo pessoal Ana Lúcia Schmidt (2020).

A escada da entrada principal fica no muro oriental. São sete degraus com os dois últimos construídos de um bloco único de pedra. A partir do vão de acesso ao templo pode-se observar, em perfeita simetria, o monólito Ponce, do qual trataremos adiante. Além desse monólito, há o monólito El Fraile e a Porta do Sol. Além da entrada principal, há outras entradas ao templo que se acredita seja no número de seis, pois algumas podem estar escondidas.

Os pilares são de arenisca vermelha e os muros levam nove pilares de andesita com goteiras de deságue das águas nas paredes norte e sul.

No recinto do templo podem ser observados dois amplificadores de pedra lavrados de modo a ampliar o som. Esse amplificador pétreo existente no muro interno do templo, bem como na entrada da cidade sagrada, foi construído em forma de caracol com a função de amplificar a voz humana. Mais um indício que o templo devia reunir um grande número de pessoas e a utilização de um amplificador sonoro se fazia necessário.

Figura 13: amplificador sonoro.



Fonte: Arquivo pessoal Ana Lúcia Schmidt (2014).

Para se completar a ideia de um complexo espiritual, todas as construções em Tiwanaku foram feitas com base nos movimentos planetários. Isso se pode confirmar pela localização dos pilares do templo de Kalasasaya quando durante o pôr-do-sol do equinócio da primavera, o sol atravessa o pilar central do muro principal, enquanto que durante os solstícios de inverno e verão, o sol atravessa os extremos esquerdo e direito do muro.

3.3. A Porta do Sol

Monumento lítico conhecido mundialmente. Cieza de Leon foi o primeiro a admirar a Porta do Sol na época da conquista. Em 1833, Alcides D’Orbigny, francês, viu a famosa porta “deitada em solo”. A ordem para reergue-la veio em 1908, do General José Ballivian, que presidia a Bolívia.

Foram utilizados esforços sobre-humanos dos aimaras para colocar o monumento em pé. Tal feito não durou muito, pois uma chuva de raios caiu sobre Tiawanaku partindo em duas partes da maravilhosa Porta do Sol, que felizmente, não estragou o baixo relevo de seu frontispício. Os aimaras, muito supersticiosos, acreditaram que tal fato ocorreu por “castigo” do Deus Illapa.

De acordo com Posnansky (1945) os homens alados ou homens condores eram em número de quarenta e oito e faziam parte de um calendário e circundavam o Homem Sol. Ainda segundo o arqueólogo, os tocadores de trompa localizados na parte inferior da porta, marcavam com precisão os movimentos solares. O Homem Sol, o “Deus Chorão” é o motivo principal da porta.

Figura 14: exemplo de Narrativa Temática no frontispício da Porta do Sol



O grau de conhecimento alcançado pela cultura tiwanaku se evidencia com precisão matemática e marcam os solstícios e os equinócios. Por exemplo, no dia 21 de março, o equinócio de outono, o astro rei nasce exatamente pelo vão de entrada de Templo de Kalasasaya; o dia 21 de junho, o solstício de inverno, o sol nasce pelo ângulo formado pelos muros leste e norte, em relação ao ponto central junto ao muro oeste; o dia 21 de setembro, equinócio da primavera, o sol nasce pelo ângulo do muro leste-sul, em relação ao ponto central do muro oeste; o dia 21 de dezembro, solstício de verão, o sol novamente nasce pela parte central de ingresso ao templo.

A Porta do Sol tem a mesma orientação que o vão de ingresso ao templo, então o astro rei também se produz através do vão da porta. A parte posterior da porta ainda não foi suficientemente estudada.

3.4. Templete semisubterrâneo

Localizado a leste do Templo de Kalasasaya, o templete semisubterrâneo mede 26 m nas paredes norte e sul por 28,46 m nas paredes leste e oeste. A altura média dos muros é em torno de 2 metros de profundidade. Essa construção foi construída com tanta precisão matemática pois apenas de estar a cerca de 2 metros de profundidade, ela nunca se alaga, pois existe um sistema de drenagem perfeitamente planejado.

A construção tem o significado de um templo, construído com pedras de tonalidade vermelha e branca. O templete é decorado com 175 cabeças encravadas nas paredes sendo cada uma delas completamente diferente uma da outra, deste modo, alguns estudiosos acreditam que essas cabeças representam diferentes grupos étnicos entre causianos e asiáticos.

Figura 15: Pode-se perceber a profundidade do templo e o sistema de escoamento de água.



Fonte: acervo pessoal Ana Lúcia Schmidt (2020)

Nos trabalhos de escavação foi descoberta uma série de monólitos diferentes, inclusive um monólito barbado, que desperta inúmeras hipóteses e lendas. Entre esses monólitos, está o famoso monólito Bennett.

Figura 16: Monólito “homem barbado”.



Fonte: Acervo pessoal Ana Lúcia Schmidt (2020).

3.5. Monólitos *Bennett, Ponce e El Fraile*

Os monólitos compreendem uma narrativa temática repleta de aglomerações de signos e unidades temáticas.

O monólito Bennett foi descoberto por uma missão francesa no ano de 1903, porém não foi desenterrado nesse momento. Ele apenas foi desenterrado no ano de 1932 pelo Dr. Wendel Bennett e recebeu o nome dele. Este monólito estava enterrado no centro do templo semisubterrâneo. Sua altura é superior a sete metros e seu material é arenisca silícea argilosa e seu peso é em torno de 20 toneladas.

Por muitos anos este monólito esteve exposto em praça pública no

bairro de Miraflores na cidade de La Paz. Hoje encontra-se protegido do sol e da chuva no Museu Lítico de Tiwanaku que fica ao lado da cidade sagrada. O monolito, também conhecido como a Pachamama e Estela 10, possui muitos símbolos e signos aglomerados e desenhados que foram analisados como sendo um calendário lunissolar. Ele tem aspecto de um homem e acredita-se que represente uma autoridade ou um personagem da cultura tiwanakota divinizado.

O monolito Ponce é conhecido também como Estela 8 e fica no Templo de Kalasasaya. Possui aspecto de um humano e poderia representar uma autoridade divinizada. E possui uma curiosidade: as duas mãos da estátua estão na mesma posição, numa leitura possível de continuidade, como se uma das mãos não fosse do monolito, mas de um outro ser “invisível” ou de “outra dimensão”.

O monolito El Fraile, conhecido como Estela Fraile é a representação do “Dios del Agua” por isso em seu cinturão existem unidades temáticas que compreendem figuras de caranguejos esculpidos o que sugere, em uma narrativa temática, que a grande civilização se estendia até o Oceano Pacífico. A estátua também fica no templo de Kalasasaya próximo à localização da Porta do Sol. Ele foi esculpido em pedra arenisca e em suas mãos existem símbolos do poder humano e do poder divino.

De acordo com Hemzler e Cambeses (2017),

Quando aprendamos a ver con respeto, las expresiones en los diseños regionales de la cultura Tiwanaku, tal vez logremos assimilar algo del amplio patrimonio de conocimientos de la vida que estos atesoran. Correspondiendo los miles de años que consagró esta cultura, interpretando la naturaleza, más las experiencias profundamente vividas, nos obligan a reconocer a la cultura Tiwanaku, su indiscutible contribución al mundo actual y distinguirla mercedamente como Patrimonio Cultural de la humanidad. (HEMZLER; CAMBESES, 2017, p. 15)

Figuras 17, 18 e 19: Monolito Bennett, Monolito Ponce e Monolito El Fraile.

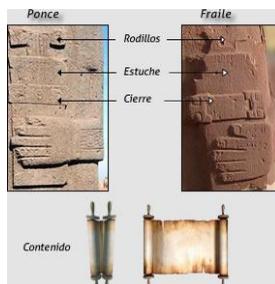


Fonte: Hemzler e Cambeses (2017), p. 15.

Fonte: Acervo pessoal Ana Lúcia Schmidt (2020).

Esses monólitos presentes na capital do grande império Tiwanaku tem seus corpos cobertos de signos dispostos de tal modo a serem interpretados pelos estudiosos como um verdadeiro sistema de escrita desde os sinais primários até as narrativas temáticas “lidas” como a totalidade do monólito.

Figura 20: detalhes do monólito Ponce e Fraile apresentando as aglomerações de signos.



4. Considerações finais

Como tudo aquilo que existe, construído pelo homem ou de forma natural, ocorreu com tiwanaku a ascensão, o auge e o declínio. O poder de tiwanaku foi tão grande que muitos chegaram a dizê-lo como sobrenatural. No entanto, uma expressiva diminuição da precipitação na bacia do lago Titicaca sugerida por alguns arqueólogos parece ter diminuído o poder de produção de alimentos e consequentemente o poder da elite vai sofrer uma diminuição porque estava centrada na elite o poder sobre a produção e conservação dos alimentos e a manutenção da vida em pleno altiplano.

Em 1445 um novo poder começou a surgir: o império Inca. A região foi conquistada e os novos habitantes acabaram por incorporar o que sobrara da cultura de tiwanaku. A cidade e seus habitantes não deixaram história escrita, e a população local atual pouco conhece da cidade e de sua história por isso é dever dos estudos científicos promover a memória cultural desse povo.

Quando se estuda os povos e as culturas da América anteriores à colonização espanhola e portuguesa conhecemos apenas o império Inca, Maia ou Asteca. Pouco ou quase nada em manuais e aulas é dedicado ao

estudo dos tiwanakotas e é impossível pensar a formação do profissional de história que não se dedique ou conheça a força e a herança desses impérios e povos.

O conhecimento dos povos antigos de qualquer lugar do planeta terra, povos anteriores a nossa civilização atual, nos permite ser mais tolerantes e respeitosos diante da cultura deles.

A possibilidade de interpretar uma cultura tão antiga e grandiosa e a importância do seu legado, seja através dos resultados das escavações ou mesmo do trabalho incansável de estudiosos capazes de desvendar e interpretar um possível sistema de escrita possibilita o respeito e evita depredações ocorridas como a marca de uma cruz cristã incrustada pelos conquistadores no monólito Ponce e a retirada das pedras da Pirâmide de Akapana para construção de igrejas cristãs nas pequenas vilas da região os quais nos dão a demonstração do quanto o desconhecimento impõe o desrespeito e a destruição das heranças de nossos ancestrais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCALANTE MOSCOSO, Javier. *Guia Arqueológica Bolívia*. La Paz, Bolívia: Producciones Cima, 1994.

HEMZLER, Willy Eduardo Cortez; CAMBESES, José Luis Rios. *La voz de las piedras*. La Paz, Bolívia: Topaz Editions, 2017.

MEDINA, Carmelo Córzon. *Tesoros Sagrados de Tiwanaku*. 3. ed. La Paz, Bolívia: Producciones Editores CIMA, 2015.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. Trad. de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2014.

POSNANSKY, Arthur. *Tiahuanacu: The Cradle of American Man* (4 vol., 1945-58). J. J. Augustin: Nova Iorque, 1945.

PONCE SANGINES, Carlos. El Instituto Nacional de Arqueología de Bolívia: Su organización y Proyecciones. In: Instituto Nacional de Arqueología. N. 25. La Paz, 1978.

TORRES, Constantino M. *Iconografía Tiwanaku em la parafernália inhalatoria de los Andes centro-sur*. Boletín de Arqueología PUCP, Peru, 2001. p. 427-54